

GRITANDO ALMA: PERCURSOS ESTÉTICOS NA FORMAÇÃO DOCENTE EM UM CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL

SOUL CRYING OUT: AESTHETIC PATHWAYS IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

 <https://orcid.org/0009-0007-5706-3554> Laís Vilela Gomes

Secretaria Municipal de Educação de São Paulo - SME, São Paulo, SP, Brasil.

Recebido em: 22.9.2025 | Aceito em: 12.10.2025

Correspondência: Laís Vilela lais.vilela@id.uff.br

Resumo

Este relato de experiência apresenta um percurso formativo vivenciado em um Centro de Educação Infantil, no extremo leste paulistano, articulando planejamento e formação estética. Com inspiração na canção *Anima* de Milton Nascimento, a narrativa evidencia a importância do planejamento para (re)criar outros modos de fazer/viver a formação de professoras(es) na Educação Infantil, o que pressupõe intencionalidade e compromisso ético, político e estético. O texto descreve a importância de cultivar momentos de estudos que convidem cada professora e/ou professor a perceber o mundo com atenção aos detalhes, amplificando a experiência da docência. Os percursos compartilhados revelam, e afirmam, que a formação estética possibilita re-conexões com a infância, a reflexão crítica sobre o planejamento educativo e a construção e fortalecimento de um coletivo sensível, comprometido com as crianças e as belezas inerentes às suas experiências cotidianas.

Palavras-chave: Formação Estética Docente; Educação Infantil; Formação Docente em contexto.

Abstract

This experience report presents a formative trajectory carried out in an Early Childhood Education Center in the eastern periphery of São Paulo, integrating educational planning and aesthetic formation. Inspired by Milton Nascimento's song *Anima*, the narrative highlights the importance of planning teacher training with intentionality, sensitivity, and ethical, political, and aesthetic commitment, in order to reshape the ways of experiencing teacher education in Early Childhood Education. The text emphasizes the cultivation of study moments in which each educator is invited to perceive the world attentively, amplifying the teaching experience. The shared experiences reveal that aesthetic formation enables reconnections with childhood, critical reflection on educational planning, and the construction and strengthening of a sensitive collective, committed to the lives of children and the beauty inherent in their everyday experiences.

Keywords: Aesthetic Teacher Education; Early Childhood Education; Contextual Teacher Education.



Lapidando sentidos: a busca pela formação estética

*Lapidar
Minha procura toda.
Trama lapidar:
O que o coração
com toda inspiração
achou de nomear;
gritando alma.
Milton Nascimento - Anima*

Ao som da canção, que está na epígrafe, deixo ecoar este relato. A cada acorde, vou mais uma vez sendo abraçada pela arte, por frestas que se abrem para sentir-pensar-viver. Assim, sou acolhida pela sabedoria que habita em cada verso cantado por Milton Nascimento, nosso Bituca, artista brasileiro de tamanha sensibilidade.

Nesse compasso, busco narrar algumas experiências vividas como formadora de professoras(es) em um Centro de Educação Infantil (CEI), na periferia do extremo leste paulistano, território de (re)existência que se fortalece também por meio da educação, da arte e da cultura. Como na canção, busco lapidar sentidos e encontrar tramas que entrelaçam Educação Infantil, arte e a formação docente, por meio de (re)encontros com os diferentes olhares, entre saberes e fazeres, que compõem o cotidiano vivido no CEI e o planejamento educativo.

A formação docente que trago para esse relato caminha pelas trilhas da formação estética, na qual meus passos vêm se resignificando, lapidando minha busca por uma prática educativa mais sensível, feita de gente com suas narrativas e histórias. Uma formação que passa pelo coração, como vereda para fazer alma (esse arquétipo de vida) e que, reconhecendo a alma do mundo – *anima mundi* (Hillman, 2010), contribua para articular sentimento e pensamento, sensação e intuição, chamando atenção para as coisas do mundo – texturas, sons, formas, cores, sabores -, para animá-lo.

Nessa perspectiva, a formação estética tem a ver com os nossos modos de ser e de pensar, com as nossas experiências de vida-formação, com as escolhas que fazemos, com os atravessamentos que nos arrebatam os sentidos, conectando-nos uns aos outros e a nós mesmos, nos distanciando da indiferença e anestesiamento (Vecchi, 2020). Formação estética como caminho pelo qual a sensibilidade pode ser alargada no mundo e com o mundo (Ostetto, 2018).

E é assim que, animando-me como educadora e formadora na Educação Infantil, compreendo que a dimensão estética está presente em minha prática educativa, que segue em busca de uma educação capaz de fertilizar e possibilitar a criação, a imaginação, a experimentação e a autoria, com olhar atento às belezas mais ínfimas do cotidiano (Gomes, 2023). Um exercício contínuo, traçando percursos formativos que se abrem ao sensível.

Casa cheia de coragem: outra formação é possível

É importante reafirmar que a formação estética não se restringe apenas aos momentos formativos propostos à equipe educativa, seja na própria escola ou em cursos ofertados ao coletivo docente. Ela ocorre de maneira contínua, na relação com o mundo, com os acontecimentos do cotidiano, com os saberes diversos que nos constituem e nas relações que estabelecemos nos territórios interno e externo, estendendo-se à comunidade. Por meio da arte, da natureza, da cultura e do brincar, essas experiências podem aguçar sensibilidades docentes, criando conexões entre o sentir, o pensar e o agir.

Defender que a formação estética pode ser cultivada também nos momentos de estudo coletivo, em contexto, implica reconhecer que se trata de uma decisão intencional, que antecede à ação formadora. Antes de cada encontro, há o espaço das inquietações e perguntas que movem o desejo de fortalecer a prática educativa, em especial no chão da escola pública, (re)conectando os saberes de cada educadora(or). É a disponibilidade à entrega de cada um, que ativa desejos e pode acender a beleza por dentro. Um processo que, para vivê-lo,

[...] é necessário estar disponível, como quem está à deriva, permitindo-se viver experiências; é preciso se (re)encontrar com a arte e suas linguagens, vivenciar, experienciar e sentir, deixar reverberar no corpo as memórias de sua história de vida e formação docente, permitindo-se enveredar por caminhos que permitam viver a docência com alegria e esperança, ética e estética de mãos dadas [...]. (Gomes, 2023, p. 66).

Essa disponibilidade começa na ação da coordenadora-formadora que, de maneira atenta e presente, acompanha o cotidiano vivido nos espaços de Educação Infantil, observa nuances de gestos e interações que podem sinalizar temas e questões para os momentos formativos, planeja e propõe tempo e espaço para o acontecer de experiências estéticas, articulando os princípios que orientam a prática pedagógica. Sob esse olhar, a atuação da coordenadora-formadora não pode se limitar à reprodução de “cartilhas formativas” que buscam, de maneira vertical, direcionar a prática docente das escolas, desconhecendo os

desafios e as necessidades do grupo, sem o movimento real de escuta que permite considerar os diferentes sujeitos e o caminho trilhado pela comunidade educativa. Não é essa a formação em contexto que desejamos para uma prática comprometida com as infâncias.

Ao contrário de modelos impositivos para a formação docente, a concepção que nos guia, na direção da formação estética, se constrói junto à equipe, por meio do diálogo, da escuta, do reconhecimento dos nossos inacabamentos (Freire, 1996). Por isso, torna-se um desafio no cotidiano da Educação Infantil - no nosso caso, do CEI - pensar em outras formas de viver a formação, pois exige diariamente escolhas conscientes que se movimentam ao exercício crítico, refletindo acerca da própria prática. Também nos guia a ideia do encontro com a arte e a natureza para habitar o cotidiano vivido na Educação Infantil, projetando um espaço significativo para as crianças viverem suas infâncias e os adultos-educadores aprenderem a olhar o mundo com olhos de criança (Tonucci, 1997).

Ao planejar encontros formativos com o grupo (Figura 1), reconheço o caminho já trilhado em companhia, que nos permite refletir sobre nossos fazeres-saberes em relação com o cotidiano vivido no espaço educativo, nesse caso, um Centro de Educação Infantil que atende crianças, desde bebês. Encontros, como reuniões pedagógicas, são momentos em que o grupo, ao se reunir, tem a oportunidade de trazer à reflexão a própria prática, alinhando concepções, reafirmando princípios e vivenciando experiências estéticas.

Figura 1 – Sonhar e planejar a formação



Fonte: Registro da autora, julho de 2025.

Dessa forma, a formação estética torna-se um processo relacional e compartilhado, em que a entrega de cada educadora(or) é nutrida pela sensibilidade. Um movimento que, como dito anteriormente, requer permitir-se viver experiências, deixando que a arte e suas múltiplas expressões ressoem no corpo, na memória trazendo mais alma à educação e à formação docente, recriando momentos belos e atravessando fronteiras.

Na narrativa que se segue, conto sobre a retomada, após o merecido, ainda que breve, recesso de julho, do percurso formativo que foi iniciado no primeiro semestre letivo de 2025, que teve como eixo central o planejamento educativo centrado nas infâncias vividas no cotidiano do CEI.

O que o coração achou de nomear: observações, escolhas e convites sensíveis

O coletivo docente foi recebido em um encontro, cujo convite sensível se deu por “*Exercícios de olhar, ver, reparar e contemplar*” (Figura 2), com o desejo de provocar a reflexão acerca de um planejamento intencional que passa pelo nosso corpo, pelos nossos sentidos, pelos nossos olhares .

Figura 2 – Espaço organizado para momento da leitura



Fonte: Registro da autora, julho/2025.

Para iniciar, o grupo foi convidado a uma leitura compartilhada e interativa do livro *Zoom* (Banyai, 1995). A narrativa imagética possibilitou um (re)começo permeado pela leveza, pelos sorrisos e por uma generosa dose de curiosidade, que se revelava por meio dos olhares atentos que desejavam descobrir o que viria a seguir no enredo da história, atitudes tão presentes na infância e tão necessárias à prática educativa. A literatura se fez presente, abrindo caminhos para a formação estética naquele momento. Essa experiência de leitura nos convocou a refletir sobre a importância de perceber os diferentes ângulos do cotidiano educativo e, como nos lembra o filósofo e teólogo Leonardo Boff, em seu livro *A águia e a galinha*: “todo ponto de vista é a vista de um ponto” (Boff, 1997, p.9).

A literatura infantil tem sido uma boa e agradável companhia em nossos processos formativos, por meio dos livros que compõem o rico acervo do CEI, os quais vão sendo apresentados ou redescobertos em nossa formação semanal. São obras de diferentes temáticas, aproximando-nos desse universo literário vasto e belo que é a literatura, capaz de nos alcançar de maneira única e singela, convidando-nos a outras compreensões do mundo que nos cerca. Portanto, a escolha do livro *Zoom*, para esse momento, reafirma o convite à atenção e à sensibilidade no olhar: ver, reparar detalhes e contemplar novamente o que já foi visto, por diferentes ângulos possibilitando o prazer de (re)descobrir o cotidiano educativo.

Em seguida, convidei o grupo a “levar o olhar para passear”, algo que aprendi lendo e escutando a professora Luciana Ostetto e que cultivo como exercício essencial à docência - assim como o é na ação da formadora-coordenadora. A vivência foi cuidadosamente planejada no parque do CEI, com a preparação do espaço antecipadamente. Para receber o grupo, algumas “estações” foram organizadas (Figura 3). Com o desejo de acolher e provocar olhares curiosos, selecionamos materiais e recursos que possibilitassem a experiência criativa, artística, sensível na relação com a arte e a natureza: lupas, espelhos, lápis de cor e marcadores, papéis, molduras com recortes de diferentes formatos, como brechas para olhar de outra maneira o que já foi visto. Cada objeto, a maneira como estavam dispostos e as frases que compunham o espaço, convidavam a experimentar, a sentir, (trans)formando o ato de observar em um exercício poético e formativo, no qual a arte e a natureza presente no parque se entrelaçam na busca por uma docência mais sensível e atenta à vida que pulsa, todos os dias, ao seu redor.

Não havia um jeito certo ou errado de explorar os materiais; o convite era para despertar o desejo de se permitir renovar os olhares, para além do hábito que embaça o olhar (Resende, 2011). Caminhar pelo parque, no seu próprio ritmo - sozinha ou acompanhada - deitar-se nas redes do redário, desenhar, pintar, escrever, nomear, observar através da lupa como gesto de curiosidade, deixando os sentidos guiarem o corpo, nutrindo o olhar, (trans)formando aquele espaço, tão comum aos nossos dias, em espaço de criação, reflexão e (re)encontros.

Figura 3 – Estações “Olhares”



Fonte: Composição com registros da autora, julho de 2025.

Ao seu próprio modo, o grupo foi se permitindo à vivência proposta, corpos docentes que se entregavam à experiência de olhar para além das retinas fatigadas (Gomes, 2023), com o corpo todo. Alguns movimentos mais tímidos, com gestos encabulados que delicadamente olhavam através da lente ou escreviam palavras que pudessem expressar o sentir e esse (re)começar. Para pensar o planejamento intencional, que exige estudos contínuos acerca das infâncias, é vital reconectar, em cada um de nós, as nossas próprias lembranças de ser criança, vendo o mundo com surpresa, encantamento e alegria.

Para além das possibilidades por mim vislumbradas, ao evocar memórias da infância, outras experimentações foram surgindo a partir do convite inicial. A lente da lupa, além de possibilitar ampliar os olhares, tornou-se também fonte de condução do calor do sol para ativar faíscas em folhas secas do parque, lampejos que refletiam a energia solar por meio do brincar (Figura 4). Enquanto narrativas de infâncias eram partilhadas entre as educadoras e educadores, seus saberes se amplificavam e se entrelaçavam, pude ouvir diálogos entre elas que confidenciavam entre risos: - *Você nunca brincou disso na infância? Eu fazia isso direto! Pegava algum pedaço de vidro grosso - como óculos de alguém, ou fundo de garrafa - e procurava alguma folhinha para “incendiar”. Sempre fui espoleta. Quer que eu te ensine?*

Figura 4 – Experimentações do sensível



Fonte: Composição com registros da autora, junho de 2025.

E, assim, a vivência se transformou em espaço de saberes plurais e múltiplas descobertas e invenções (Barros, 2003). Por meio da lente da lupa, ampliamos os olhares e acendemos faíscas de formação estética, permitindo que o sol, a arte, a natureza, o brincar e a infância se (re)encontrassem com nossa sensibilidade docente (Figura 5). Recriamos, naqueles instantes, a experiência de uma docência na Educação Infantil que se faz com coragem e delicadeza, com ousadia, mistério e descobertas.

Figura 5- Faíscas da formação estética



Fonte: Composição com registros da autora, junho de 2025.

Alma vai além: o vivido permanece

Nesse espaço de redescoberta, cada gesto, cada olhar e cada palavra compartilhada tornou-se elo entre o cotidiano vivido no CEI, o planejamento educativo intencional e a centralidade nas infâncias. O que levamos desse olhar “de novo”? Como essa experiência nos possibilita a planejar com intencionalidade e afeto?

Trouxemos à consciência que planejar com afeto e intencionalidade é também ato estético, que nasce da atenção aos detalhes, ao que é cultivado diariamente nas interações, na observação cuidadosa e no interesse pela curiosidade e pelas descobertas infantis. Com a arte, a natureza e a brincadeira, pode-se (re)descobrir modos de olhar, perceber e sentir o cotidiano pedagógico, ampliando nossa capacidade de conectar saberes.

Reafirmamos que uma docência se (re)faz nos encontros, no cuidado, na intencionalidade e na coragem de transformar o planejamento em ato estético de quem, assim como na canção inicial deste texto, se permite despertar a alma.

E então, encerro com mais um trecho da canção, que abriu caminhos e por eles, eu sigo.

*Alma vai
Além de tudo
Que o nosso mundo
Ousa perceber
Casa cheia de coragem
Vida
Todo afeto que há no meu ser
Te quero ver
Te quero ser
Alma.
Milton Nascimento - Anima*

Referências

- BANYAI, Istvan. *Zoom*/ Istvan Banyai; tradução de Gilda Aquino. Rio de Janeiro: Brinque Book, 1995.
- BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas: a infância*. São Paulo: Planeta, 2003.
- BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Paz e Terra. São Paulo, 1996.
- GOMES, Laís Vilela. *Caminhar é encontrar: inventário poético da formação estética pela periferia da zona leste paulistana*. 2023, 204 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ. 2023. Disponível em: < <https://app.uff.br/riuff/handle/1/32531> > Acesso em: 20 set.2025.
- HILLMAN, J. *O pensamento do coração e a alma do mundo*. Campinas, SP: Verus, 2010.
- OSTETTO, Luciana E. No novelo da memória, atravessamentos do sensível: tornar-se. *Revista digital do laboratório de artes visuais / LAV – Dossiê temático: Narrativas afetivas de professores de arte: experiências poéticas e educação docente*. Revista Digital do LAV –Santa Maria –vol. 11, n. 2, p. 166–191–mai./ago. 2018 ISSN 1983 –7348. Disponível em: < <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/33904> > Acesso em: 20 set.2025.
- OSTETTO, Luciana E. Com o pensamento do coração, entrelaçando docência e formação estética. *Atos de Pesquisa em Educação* - ISSN 1809-0354. Blumenau, v.14, n.1, p.57-76 jan./abr. 2019. Disponível em: <

<https://ojsrevista.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/7307> > . Acesso em: 21 set.2025.

RESENDE, Otto Lara. *Vista Cansada*. Publicada em Bom dia para nascer: crônicas na Folha de São Paulo. Seleção e posfácio de Humberto Werneck. São Paulo. Companhia das Letras, 2011, p.121. Disponível em: < <https://cronicabrasileira.org.br/cronicas/7040/vista-cansada> > Acesso em 21 set.2025.

TONUCCI, Francesco. *Com olhos de criança*. Porto Alegre: Artes médicas, 1997.

VECCHI, V. Estética e aprendizagem (Prólogo). In: HOYUELOS, A. *A estética no pensamento e na obra pedagógica de Loris Malaguzzi*. São Paulo: Phorte, 2020.